



O presidente Fernando Henrique Cardoso: do diálogo construtivo com a comunidade acadêmica às críticas de intelectuais que 'têm uma visão idealizada da atividade política'

# FH vira alvo dos pensadores

■ Presidente não polemiza em público, mas já revela desconforto com as críticas feitas por intelectuais

ILIMAR FRANCO E  
FABRÍCIO MARQUES

O príncipe dos sociólogos resiste no trono, mas já não vive mais às mil maravilhas com uma categoria especial de súditos: os intelectuais. Vaidoso por integrar a confraria, o presidente Fernando Henrique Cardoso já não esconde de amigos e assessores mais próximos um certo desconforto por ter se tornado alvo de alguns ataques assimiláveis e até um ou outro impensável não faz muito tempo.

Sua reação não poupa ninguém: o economista Rudiger Dornbusch não conhece o país para falar da economia brasileira, o sociólogo francês Alain Touraine ignora os limites da ação da presidência da República e o professor de filosofia José Arthur Giannotti tem uma necessidade irresistível de, vez ou outra, aparecer, mesmo que à custas do constrangimento do amigo presidente — tem deixado transparecer a seu séquito mais próximo.

O último golpe foi desferido pelo amigo Giannotti ao apontar, na semana retrasada, o "despotismo" do governo Fernando Henrique. O presidente mal havia desembarcado de uma viagem à Europa programada para atrair os holofotes sobre ele mas que acabou marcada por recados constrangedores do papa João Paulo II e de intelectuais de Bolonha, na Itália, sobre a situação social do país.

**Gosto amargo** — Fernando Henrique já havia provado o gosto amargo da crítica de seus pares antes. Durante a VI Conferência Ibero-Americana, em novem-

bro, no Chile, Alain Touraine afirmou que era intolerável a violência no campo e nas cidades brasileiras. De quebra cobrou uma maior ação do Estado para coibir o extermínio de menores e tragédias como o massacre de sem-terra em Eldorado (PA).

Mesmo alimentando uma estreita relação com o mundo acadêmico, o presidente reclama quando se defronta com a dificuldade de seus interlocutores para entender como funcionam, na prática, o governo e o Congresso. Quando isso acontece, o presidente fica desapontado e irritado. E não esconde sua decepção.

"O presidente também considera a violência intolerável", defende o cientista político Luciano Martins, assessor especial de Fernando Henrique. "O ministro da Justiça foi ao Pará para que os responsáveis fossem punidos, mas existe uma federação no Brasil e a polícia do Pará é uma variável independente. A violência não é promovida e nem estimulada pelo governo." Traduzindo: Touraine deveria considerar as limitações que o presidente tem para agir em vez de fazer condenações.

**Antidéspota** — "Fernando Henrique é o antidéspota", endossa o senador José Serra ao defender Fernando Henrique da pecha que tentou impingir-lhe Giannotti. O ataque, porém, encontrou eco mesmo em simpatizantes intelectuais do presidente. É o caso do antropólogo Gilberto Velho, do Museu Histórico Nacional, do Rio. "Compartilho da preocupação do Gianotti. Acho que ele não se referia a uma situação concreta, mas sim à possibi-

lidade de poder haver uma tendência ao despotismo", esclarece o antropólogo.

De qualquer forma, Gilberto Velho não parece ter ficado imune ao veneno. "Caímos na velha história do Brasil possível. O que separa intelectuais como eu e os que estão dentro do governo é que eles tendem a cair num certo realismo, de fazer o que é possível. Eu, que não pertencço ao governo, mantenho a minha posição de cobrança", afirma o antropólogo. "O problema é que os intelectuais têm uma visão estereotipada 'para o bem ou para o mal' da atividade política e suas análises, muitas vezes, se baseiam em informações imprecisas", rebate um assessor do presidente.

**Lustro** — Os adversários intelectuais do presidente encontraram muito mais o que comemorar. "Fernando Henrique Cardoso transformou-se num Sarney com lustro acadêmico", tripudia a cientista política Maria Vitória Benevides, da Universidade de São Paulo. Uma das cabeças privilegiadas da oposição, ela considera a entrevista de Giannotti ao **JORNAL DO BRASIL**, em 17 de fevereiro, pelo menos corajosa. "Este é um governo de intelectuais vistosos que, quando estavam fora do poder, criticavam o 'presidencialismo imperial', mas agora o justificam. Na batalha pela reeleição, o presidente estraçalhou o sistema partidário. A reforma eleitoral não anda porque não interessa aos aliados do presidente a criação de partidos fortes. É um tipo de política que coloca a democracia em segundo lugar", fulmina.

Este descompasso entre a ação política de Fernando Henrique e o pensamento de

intelectuais que o apóiam, como Giannotti e Touraine, refletem esferas de análise diferentes. "A síntese obriga a simplificações, a tipos ideais. O conhecimento envolve ignorar uma parte da realidade. O problema todo se resume em não ignorar aqueles fatos que são relevantes para a análise", comenta José Serra.

**Desprezo** — Nas conversas diretas e pessoais do presidente com intelectuais as divergências são assimiladas com maior naturalidade do que na vida pública, onde se transformam em crises. Mas isso não impede que sejam francas e, às vezes, marcadas pela veemência. Amigos garantem que o presidente está sempre aberto às críticas, mas não toma conhecimento, por exemplo, de receitas como as de Rudiger Dornbusch, que recomendou uma inflação maior para acelerar o crescimento da economia.

Há também casos em que Fernando Henrique não toma conhecimento ou, como diria um assessor, se impõe um filtro para não ficar "envenenado". Mesmo preferindo não debater publicamente artigos de cientistas políticos e economistas, do governo ou fora dele, na intimidade o presidente exercita seu humor ferino.

Em setembro do ano passado, durante conversa com um aliado, comentando um documento produzido pelo diretor da Área Externa do Banco Central, Gustavo Franco, sobre *A inserção externa e o desenvolvimento*, ironizou: "O Gustavo Franco reescreveu a teoria da mais valia relativa do Marx". O presidente também não poupa os amigos.

Sérgio Rego Monteiro, 58 anos, assumiu as funções de vice-presidente do **Sistema JORNAL DO BRASIL**. Sérgio era há três anos diretor Comercial e de Marketing do **JB**, segunda fase de uma jornada de nove anos nesta casa: antes, entre 1982 e 1988, foi vice-presidente de Marketing.

Tem uma vida toda voltada para o marketing. Antes de chegar pela primeira vez ao **JB** ocupou vários postos de direção na Veplan Residência. Saiu de lá quando era diretor-geral de Marketing. De 1988 a 1993 foi *publisher* do *Diário Catarinense* e diretor-superintendente de Marketing e Vendas do Grupo RBS.

Sérgio, que também acaba de ingressar no conselho da Associação Internacional de Marketing de Jornais — entidade que reúne mil associados representando 700 jornais — tem a partir de agora responsabilidade sobre as áreas de marketing e comercialização, recursos humanos e planejamento estratégico das empresas do grupo **JORNAL DO BRASIL**.

■ Igdal Parnes, 39 anos, é o novo Diretor Comercial do **JB**. Tem experiência de 21 anos em publicidade. Trabalhou na Pro Varejo, agência do grupo Mesbla, na Ogilvy Mather e na Caio Domingues. Formado em Administração, com pós-graduação no Coppead, é também professor de Comunicação com o Mercado da Escola Superior de Propaganda e Marketing e da Fundação Getúlio Vargas.

■ O advogado Gustavo Bebião, 33 anos, que chefiava a Assessoria Jurídica do **JB**, assumiu o posto de diretor Administrativo.

■ Cláudia de Souza é a nova diretora regional em São Paulo. Tem 18 anos de jornalismo. Começou na Gazeta Mercantil, foi produtora da TV Globo em Londres e, em seguida, gerente da mesma emissora na Europa. Voltou para a Gazeta como editora sênior. Ocupava a chefia de redação da Sucursal do **JB** em São Paulo desde abril de 1994.